

A Margem

José Leon Machado



Edições Vercial

Índice

Ficha Técnica	1
Parte I	3
Parte II	35
Parte III	74
Epílogo	120

Ficha Técnica

Título: *A Margem*

© Copyright **José Leon Machado**

1ª edição: OPSIS, 1997

2ª edição: Projecto Vercial (formato electrónico), 2001

3ª edição: Edições Vercial (formato electrónico), 2003

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Setembro de 2003

URL: www.ipn.pt/literatura

E-mail: vercial@iol.pt

José Leon Machado

A Margem

Uma espécie de romance

Edições | **Vercial**

PARTE I

I

A estrada era famosa pelas curvas e pela sombra das árvores. O Rubro admirava a paisagem que se espraiava para o fundo, enquanto o Rocha mudava de calças por detrás do carro estacionado. Era a hora do equinócio e o calor ia alagando as carnes de suor naquele começo de Agosto. Os dois rapazes esperavam a passagem da camioneta que transportaria mais três companheiros de Braga. Por terem atestado o carro com o material de campismo, não couberam todos.

A camioneta passou e nem sinal dos outros. O melhor seria adiantarem-se, que a fome apertava e a ânsia de chegar ao local onde acampariam era grande. O Rocha arrancou e chegaram à Caniçada a arder de sede e de calor.

O dono do café Mira-Rio, pai de um antigo colega de escola, acolheu-os muito bem e pôs-se à disposição para tudo o que necessitassem. Teriam a oportunidade de ver o filho ao serão, pois naquele momento estava a trabalhar em Vieira do Minho. Agradeceram a atenção e, não muito longe do café, foram cumprimentar o padre Armindo a casa. Foi ele que lhes arranjou o local para acampar. Colocou-se também à disposição agradecendo a visita com um grande sorriso.

Abarrotados de ajudas bem intencionadas, meteram o carro por um caminho abaixo em direcção ao Boco, o local onde passariam uma semana. A cem metros acima do rio, abandonaram a viatura e desceram a explorar o local verdadeiramente paradisíaco mas de acessos dolorosamente

espinhosos e acidentados. O Rocha praguejava cheio de arranhões nas pernas. Que não tivesse tirado de calças, dizia-lhe o Rubro. Quis ir de perna ao léu?

Acalmou-se quando embateu no rio enorme e azul e em toda a verdura que os rodeava. Respirou fundo e até pensou que os dias ali passados seriam bastante proveitosos.

Entre os fetos verdes e sob a imensa folhagem dos carvalhos, decidiram descarregar a viatura. Iria depois o Rocha buscar os outros três à paragem da camioneta. Perderam a primeira carreira, viriam na próxima.

Descarregado o material, o Rocha arrancou de novo. O Rubro lá ficou, sentado no chão junto ao rio, a pensar naquela que lhe andava a desorientar a psique sem frutos palpáveis. Estava ali para esquecer um pouco essa loucura e haveria de consegui-lo. Mas era tão duro querer esquecer aquele sentimento que o invadia e lhe deixava uma sensação de paz e desassossego. Uns finos e isso passava.

Mais cinco quilómetros de curvas e o Rocha chegou à paragem da camioneta. Sinal de ninguém. A bufar pela boca e a roncar pelo estômago, entrou num *snack-bar* das Cerdeirinhas e pediu uma mista e um sumo de lata. Acalmou os ânimos a regalar os interiores com propositados requisitos. Até que finalmente chegava a camioneta com os outros três. Tinham perdido a primeira porque o Rubro informara-os mal do horário. Eles bem a viram, mas, como dizia Chaves, não lhes passou pela cabeça que seria essa. O Rocha estrebuchando rosnou como de costume:

– Sois uns azelhas! Qualquer burro sabe que para ir a Chaves se tem de passar por aqui. Ou nem sabeis que Chaves fica para estas bandas?

Desculpando-se, entraram para o carro. Estavam mal-humorados e tentavam deitar as culpas do lapso uns para

outros.

E foi neste estado de espírito que montaram as tendas durante a tarde. Terminado o serviço, mergulharam a experimentar a profundidade das águas, cada um a seu modo, outros de modo nenhum, e fizeram-se as compras necessárias na mercearia do Mira-Rio onde passaram o resto da tarde.

II

Já o sol se ocultava quando regressaram ao Boco. O Rocha ofereceu-se para a cozinha e os outros ajudaram no que poderia ser necessário. Arroz seco, chispalhada e ovos seria a ementa para o jantar daquele dia.

Tendo ido o Louro e o Rubro buscar água à nascente ali perto, eis que um sujeito desconhecido se lhes dirigiu. Perguntou quem eram e, depois de verificar que eram bons rapazes, deu autorização para, sempre que desejassem subir à povoação, atravessarem os seus terrenos. Poupar-lhes-ia esforços e seria um caminho seguro. Duas recomendações apenas: não lhe calcarem a relva e fecharem a cancela sempre que entrassem ou saíssem. Foi com entusiasmo que todos receberam a boa-nova. Enfiarem-se pelo mato acima era deveras uma aventura pouco atraente e obrigava-os a descer ao Boco antes do anoitecer, não fossem tropeçar. Era um autêntico suicídio descer aqueles terrenos sem luz. Com esta autorização remediava-se o problema. Comemoraram brindando o acontecimento com água da nascente fresca e pura.

– O nosso vizinho caiu do céu e temos apenas de conquistar-lhe a confiança – comentou o Louro.

– A confiança dele já a temos. Pensa que somos bons rapazes. Dissemos-lhe que éramos ex-seminaristas e estudantes

da Faculdade de Filosofia – acrescentou o Rubro.

– Se o Rocha trouxesse o carro cá para baixo, ficaríamos na maior! – rematou o Cordeiro.

– Nem penses! Não vou enfiar o carro por aqui abaixo para depois ele não conseguir subir. O caminho está cheio de buracos e curvas cerradas.

– No fim de esquartejar este ovo quero ir até ao café – atalhou o Lula com o queixo a pingar gordura da chispalhada.

– Vamos todos – recomendou o Rubro levantando-se para encher a malga plástica de água que emborcou de um sorvo.

A loiça não foi lavada. Ficou a vela de parafina a fumar fazendo companhia aos pratos sujos em cima da mesa improvisada com duas tábuas que ali havia. O céu alastrava-se em estrelas que raras vezes se poderiam ver da cidade, pois as luzes da noite ofuscavam-nas. Ali não havia luzes da noite. A terra era escura, existia apenas o reflexo da lua nas águas profundas.

– Sandra, cinco finos para a malta – pediu o Rubro à miúda de serviço.

– Cinco não, quatro. Eu prefiro leite – protestou o Rocha sentando-se com os outros ao balcão.

Todos se riram e com eles a miúda de olhar penetrante. O Rocha não gostava de adormecer sem tomar antes o seu copinho de leite. E ainda para mais num dia tão minguado em proteínas. Não, não poderia dispensar o leite, mesmo que rissem da sua atitude.

– Uma mista para mim – pediu o Lula com a cerveja entre as mãos.

– Já tens fome? – perguntou-lhe o Cordeiro.

– Eu não comi nada no acampamento. Estás a ver?...

Os líquidos rapidamente tiveram sumiço dos copos. Abandonando o Rocha à televisão, os quatro saíram para desenferrujar os matraquilhos na esplanada do café.

– Então tu és a Sandra – considerou o Rocha com um olho na televisão e outro na miúda que lavava os copos.

– Sou. O Rubro conhece-me há bastante tempo. E tu, como te chamas?

– Alberto Rocha, de Braga. Vinte e um anos, descomprometido.

– Ah! – E riu acriançadamente mostrando uns dentes fortes e brancos. – Tu és o do carro azul.

– Sim. Trabalhas aqui?

– Só nas férias. Os donos são meus tios. O Miguel é meu primo.

E apontou para fora onde os outros jogavam. Tinha acabado de chegar o Miguel, que cavaqueava com eles. Há quanto tempo o Rocha não via aquele sujeito?

– Vou cumprimentá-lo. Volto já.

Levantou-se e atirou um último olhar desinteressado à televisão e um outro penetrante à miúda.

III

Na primeira noite de todos os acampamentos raras vezes se adormece e esta não foi excepção. O chão era duro, grande problema para aqueles que se habituaram aos moles colchões. E depois a sensação da noite passada numa floresta longe de casa com os amigos ao lado ajudava a desarticular a língua. E desarticularam-na como nunca antes o haviam feito.

– Chute! Quero dormir.

– Ó Rubro, imagina a Vânia aqui a teu lado.

– Olha, vai para o diabo!

– O Rubro não lhe deu a coisa a tempo e ela mandou-o passear.

– Estás a fazer-me tesão.

– A tua prima é boa como o milho.

– Não gosto do traseiro. Tem-no muito descaído.

– Deixai-vos de porcalhices.

– Vamos mas é dormir. Amanhã há muito para fazer e convém que se vá à missa. Afinal de contas é domingo.

– À missa? Eu não vou.

– Nem eu.

– Alguém tem de ir. O que é que o padre Armindo vai pensar de nós?

– Então é o padre Armindo a celebrar?

– O da Caniçada está de férias.

– Mas ele anda por aí.

– Passa as férias em casa.

– Esse ao menos poupa.

– Mas quem é que vai?

– Onde?

– À missa, caneco!

– Pronto, vou eu – ofereceu-se o Louro, tão devoto, a coçar as virilhas.

Enquanto ele estava na igreja a escutar desatento a homilia do padre Armindo, no Boco aquecia-se o leite e adaptavam-se à cozinha alguns quesitos indispensáveis para o mínimo conforto culinário. A noite fora má, a manhã era bela. A loiça jazia ainda coberta de gordura e com os restos da véspera. Ninguém queria lavá-la. Porque um transportou a água e não tinha obrigação, porque outro cortou a cebola, porque aqueloutro acendeu o fogão de campanha. Seria o Louro a lavá-la logo que chegasse da missa. Mas ele chegou e recusou-

se a tão desprezível trabalho: que tinha aberto as latas da chispalhada e não era a sua vez.

A discussão adensou-se a ponto de se insultarem mutuamente. O Rubro então desceu de si e ofereceu-se. o Louro por sua vez reconsiderou e acompanhou-o.

A manhã espriava-se quente e, após as lavagens e a definitiva organização do campo, desceram o pequeno declive para mergulhar. Nenhum, porém, se decidia a meter-se na água. Apetecia antes ficar deitado na erva com o sol a bater doce, o olhar na paisagem verde, no límpido azul do rio. O Rubro sentado dedilhava um solo na viola. Do solo passou a cantar e os outros foram entrando a fazer coro. Ouvia-se longínquo o eco da balada. Interrompeu-a um barco a motor com um tipo atrás praticando esqui e outro nos comandos. Volteou frente à malta para desaparecer numa curva do rio.

– Vou mergulhar – decidiu-se o Lula. Pôs-se de pé e ganhou balanço para a queda.

– Espera por mim – gritou o Cordeiro.

E os dois furaram a água numa entrada perfeita.

– Também vou – disse o Louro. Mas, como a vista lhe fugisse para o fundo, desencorajou-se. Meteu primeiro o pé direito, depois o esquerdo. Molhou as mãos e aspergiu o corpo arrepiado. Vagarosamente entrou medindo a água pelos joelhos. Parou, então, com os braços cruzados a olhar o Lula e o Cordeiro a divertirem-se lá para o meio. Num acesso de coragem, atirou-se, bufou um arrepio e juntou-se aos dois companheiros fluviais com cinco braçadas.

– Atravessamos? – desafiou o Lula.

– És doido! Não sou nenhum pato – respondeu-lhe o Louro.

– Com esses músculos não me digas que não aguentas até à outra margem!

– Pouca treta e começa a nadar.

Nadaram, boiaram e chegaram à margem de lá. O Rubro e o Rocha, vendo-se abandonados, mergulharam também. Não gostavam muito de assistência às suas cabriolas aquáticas. Era a falta de experiência de natação. O Rocha dava uns toques em nado. Mas nos mergulhos era um desastre. Ao contrário, o Rubro mergulhava lindamente, mas a nadar, coitado. Sozinhos evitavam a risota dos outros.

IV

A ermida de São Bento, uma das maiores fontes de receita da igreja bracarense, erguia-se majestosa por cima do Cávado entre as serras pedregosas.

O Rocha estacionou a *Renault* diante do templo. Os passageiros saíram e foram todos dar umas voltas pelo largo. Eis quando se aproxima a Maria João numa careta de sorriso. Beijinhos a todos, não se podia demorar, que tinha trabalho no hotel. Passassem mais tarde, pois precisava de lhes falar.

– Nós agora vamos até ao parque. Depois passamos na recepção.

– Estou na sala de artesanato, aquela mesmo em frente.

O parque era frondoso, carregado de silêncio sacrossanto, onde os namorados se devoravam pausadamente nos bancos de madeira e os labregos comiam os seus farnéis de coxas de frango e arroz de forno. Dois caminhos: um para cima, outro para a direita. O Rubro queria subir. Ninguém concordou. Preferiam o horizontal. Mas, teimoso, subiu. Os quatro, ao contrário, instalaram-se numa mesa de granito não muito longe de três miúdas apetitosas. Desejaram cantar para despertar a atenção. Como não estava o Rubro, pegou o Rocha na viola que o Lula carregava e começou a esgalhar um malhão

desenfreado. Qual quê? As miúdas nem se dignaram olhar. O Rubro apareceu pouco depois muito aborrecido por os outros não terem seguido a sua ideia.

– Pega na viola e toca.

– Não toco!

– É para as miúdas.

– Deixa cá ver. –Arrebatou o instrumento, tirou um acorde sonoro, afinou o mi de baixo e introduziu o *Let it be* dos *Beatles*.

As miúdas continuaram sem lhes dar qualquer atenção. Talvez achassem burlesco os cinco tipos a guinchar música no parque. Contudo, não se pode dizer que não tivessem público entusiasta. Um rapazola aproximou-se e meteu conversa. Como lhes parecia parvo, falaram-lhe em inglês:

– Do you speak english?

– Ié, ai spique. Mi, ai ame a musique. De rock.

– Love’s you the rock?

– Quê?... Ah! Ié, de rock és bom!

– We know, we know...

– Tocai aí um rockzinho.

– What? We aren’t understand you.

– Allons y – interrompeu o Louro já farto. – Il es fou.

– You are right. Come on.

– Goodbye, foolish.

– Pró lixo? Essa não percebi – disse o desconhecido coçando a cabeça.

Rodeando o lago escuro de lodo, dirigiram-se para o hotel. O parvo lá ficou, a consumir o juízo das três miúdas, mais contente por ter conhecido cinco ingleses que tocavam *rock*.

Entraram então na sala de artesanato do hotel. Os artigos expostos eram essencialmente têxteis que ninguém comprava:

naperons, guardanapos, toalhas e lençóis de linho, bordados, mantas de serapilheira. Duas moçoilas constituíam o pessoal de atendimento. A João era uma delas. Bem apetrechada de ancas, belo cabelo e uma enérgica língua, andava apaixonada pelo Carlitos, coitada, e ele não correspondia muito ao seu amor. Nem tudo podia dar certo na vida.

– Querias falar connosco?

– Deixa lá, é maluqueira minha. Olhai, esta é a Anabela, que também trabalha aqui. O serviço é só nas férias.

– Muito prazer – disse o Cordeiro aproximando-se lambão ao ver que a rapariga era bonitinha.

– O Cordeiro, o Lula, o Rocha, o Louro e o Rubro.

Houve troca de beijos e a João disse em seguida:

– O convívio com a juventude do Rio Caldo é mesmo na quinta-feira?

– A sardinhada, dizes tu. Nós marcámos para esse dia.

– O padre Matos, reitor do São Bento e nosso pároco, convidou o grupo de jovens. Mas eu talvez não possa estar. Tenho de ir a Braga.

– Sim, nós sabemos. É uma pena não poderes partilhar a festa connosco.

– Se eu mudar de ideias ainda apareço.

– Sabes, parece que o Carlitos também vem.

– Ai vem?

– Não chegou a dar-nos a certeza. Como agora o vês quase todos os dias em Braga, bem lhe podias perguntar.

– Precisamos de comprar pão – lembrou o Louro para desviar a conversa.

– Pois precisamos – acrescentou o Lula já com fome.

– Vamos embora. Olha, João, se vires então o Carlitos, diz-lhe que o esperamos para a sardinhada.

– Digo. Podes ficar descansado que eu digo – prometeu a miúda ao Rubro, corando.

V

O grupo de amigos era constituído por aqueles que abandonaram o Seminário no ano anterior. Um deles era o Carlitos. Perdeu a ideia de ser padre e, como os outros, entrou para a Faculdade. A Maria João, sua colega de ano, apaixonou-se e daí vieram muitas complicações para todos. O Carlitos nunca simpatizou com ela. Achava-a feia e aborrecida. Mas a João convenceu-se do contrário e deu-se de alma e corpo ao rapaz. Este, como era peculiar do seu temperamento, quis tirar algum proveito da situação. Como vivia no apartamento com o Rubro e mais alguns colegas, ali a levava quando os outros não estavam, e fechava-se no quarto com ela. Um dia o Rubro entrou e descobriu. Comunicou aos outros e todos concordaram que a situação era deveras embaraçante. Não por o Carlitos se aproveitar da rapariga entre portas adentro; mas antes por ter feito isso sem os avisar. Ele não lhes quis dar ouvidos, a coisa embrulhou-se e resolveram dizer-lhe que, se assim continuava, não poderia ficar mais no apartamento. Tocara as raias do abuso: tinha um quarto só para si enquanto os outros dormiam dois e três em cada quarto a pagarem o dobro. Entrava e nem bom dia nem boa noite, aquilo era tudo dele. Não podendo aguentar este desprezo e esta convencida superioridade, a única solução para o caso era dizer-lhe «desculpa, mas não te queremos cá mais». O Carlitos teve de arranjar nova casa e ficou ofendido com os colegas. Ainda por cima não tiveram vergonha de o convidar para o acampamento. É claro que ele não aceitou.

A Maria João, depois do encontro com os rapazes do acampamento, ficou ansiosíssima. A sua ida a Braga dependia da boleia do pai e se o pai se lembrasse de não ir, lá ficava ela

em Rio Caldo. E o pior é que não sabia se o Carlitos apareceria na sardinhada. Andou a semana toda a telefonar, mas ninguém atendeu. Que martírio, as férias. Dava tudo para que as aulas começassem em breve. Sempre o poderia ver todos os dias.

Namorava oficialmente o Almerindo, um rapazinho da terra que tinha acabado o curso de engenharia. Mas era tão tosco, tão frio... O Carlitos tinha charme, um fogo que lhe queimava os fusíveis, que a punha doida. O pai desejava que ela casasse com o engenheiro e, se desconfiasse de que pela sua parte isso nunca aconteceria, dava-lhe uma tarefa, lá isso dava.

Quando a João via algum dos colegas do Carlitos, o seu coração dançava-lhe no peito em grandes guinadas. Era como se estivesse a vê-lo a ele, sempre tão triste, como que a pedir carinho, a pedir amor. E a João existia para o consolar, para lhe dar tudo. As noites eram um doce pesadelo. Acordava de olhos inchados e a cabeça dorida, mas valia a pena sonhar com as suas mãos a percorrerem-lhe a face. Cada minuto do seu dia era um beijo que recebia nos lábios. «Oh, Carlitos, vem na quinta-feira!», pedia ela silenciosa a olhar a torre da capela de São Bento à porta da sala de artesanato.

VI

– Vamos comer só a rosca e o fiambre? – protestou o Lula enquanto desciam a estrada de Rio Caldo na carrinha.

– Quem quiser come, quem não quiser não come! – exclamou o Rubro trincando um pedaço de rosca.

– Isto não é repasto que se apresente. Exijo jantar em condições! – enervou-se o Louro.

– Quem se oferece para cozinhar quando chegarmos ao Boco levante o braço – sugeriu o Rocha.

Ninguém levantou.

– Acho que o Rubro tem razão.: quem quiser comer, come; quem não quiser, que deixe ficar. Dá cá um pedaço – pediu o Rocha com a esquerda ao volante e a direita estendida.

– Estás a ser insuportável. Aqui ninguém manda. Todos temos capacidade para decidir – protestou o Cordeiro.

– Então oferece-te para cozinhar.

– Se eu soubesse cozinhar, oferecia-me já. Como não sei, deixo esse trabalho para os mais qualificados.

– Nem por isso quiseste lavar a loiça. Não cozinhas, não lavas a loiça, és um autêntico burguês. Os outros que trabalhem.

– Alto lá! Hoje fui eu quem limpou as tendas e acarretou a água para a cozinha. Outros houve que fizeram muito menos.

– Não estejas para aí a aldrabar! A água foi acarretada por mim – interferiu o Louro.

– E as tendas limpei-as eu! – acrescentou o Lula.

– E quem foi buscar o frango à mercearia?

– Grande trabalho! Cansaste-te.

– Não chateies, meu.

– Não chateies?! Tu é que estás para aí a lixar-me o juízo.

– Caluda! – ordenou o Rubro. – Assim ainda vamos acabar mal.

– Caluda não. Por acaso não sou livre de dizer o que quiser?

E a discussão foi aumentando de volume até ao Boco. Criaram-se dois grupos rivais: os preguiçosos-convencidos e os convencidos-mandões. O primeiro grupo era constituído pelo Cordeiro, o Louro e o Lula; o segundo era encarnado pelo Rubro e pelo Rocha, os mais velhos.

Havia um bailarico numa capela entre as pontes a caminho do Gerês. De comum desacordo, dirigiram-se para lá. Avisara-os a Sandra da festa quando subiram ao Mira-Rio a tomar o café do serão.

Um conjunto de música popular tocava e cantava. Por entre espessa poeirada, os parzinhos batiam o pé em frenesim. Os cinco companheiros estacaram olhando a balbúrdia. Afastou-se o Lula a ver se arranjava par, deixando os outros espapaçados sem saber o que fazer. Mas nada pescou. A noite era má, escasseavam as mulheres disponíveis. Até se viam homens a dançar com homens. Era melhor retroceder. Quando se juntou ao grupo, viu que os companheiros falavam com dois desconhecidos e estavam bem dispostos. Eram tipos holandeses a trautearem inglês.

Mal avistaram o Rubro no meio da confusão, dirigiram-se-lhe a perguntar se não era ele o que nesse dia de manhã estava a tocar viola junto ao rio.

– We had loved your music.

– Really? You may come to hear tomorrow, if you will.

– Of course! We shall go, me and my friend. You are English?

– No, we are Portuguese.

– But you speak english very well.

– Not at all. You will come?

– O.K., we are going.

– Bye.

– Bye.

– Tomorrow, we are waiting for you.

– That's O.K. Bye.

Voltaram ao Boco bastante tarde, cobertos de pó e fartos de música parola. Aí a discussão continuou entremeada de insultos e palavrões. De garganta fatigada e fígado espumoso,

adormeceram. Só com o sono é que a tempestade amainara. No dia seguinte chegariam o Barbosa e o Toninho. Mais ajuizados, seriam o equilíbrio que faltava. E o Rubro, depois de todos adormecerem, pensava que sim. A coisa estava mal, ninguém se entendia. Adormeceu também numa recordação aliciante da imagem da Vânia que reveria na próxima sexta-feira, dia do seu aniversário, tão distante ainda.

VII

Amanheceu, fartou-se de amanhecer. O sono invadia as tendas. De rins apertados, levantou-se o Lula, já o sol incidia recto na mesa da cozinha improvisada. Pouco a pouco soergueram-se todos friccionando a vista ferida pelo sol. O pequeno-almoço resumiu-se aos restos do pão do dia anterior com manteiga e leite do Mira-Rio. O Rubro pensou encetar a garrafa do porto que lhes havia oferecido um amigo antes de partirem de Braga. Mas não, os outros não concordaram, pois não tinham culpa de o Rubro detestar o leite. Quando se bebesse o porto, que bebessem todos.

– Lá anda o barco dos holandeses! – gritou excitado o Lula.

– Vamos chamá-los – aconselhou o Cordeiro, começando a descer a ladeira que levava à margem do rio.

– Esperem por mim! – pediu o Louro correndo atrás engasgado com um naco de rosca cheia de manteiga.

Bem gritaram, bem fizeram gestos, mas os holandeses não responderam. Que frustração para os três! E o Lula, que gostaria tanto de dar uma voltinha no barco!

– Não vale a pena gritar mais. Desapareceram. Vamos para cima – aconselhou o Louro desconsolado.

Acompanhou-o o Cordeiro. Ficou o Lula, descoroçoado,

a olhar a vastidão do rio deserto. Sonhara toda a noite com o barco e uma longa viagem, só ele e o holandês ruivo, a fazer esqui, deslizando na água enquanto o barco rodopiava à frente. Agora nem barco, nem holandês, nem música. Queria cantar-lhes algumas do Paul Simon e do Bruce Springsteen, para lhes mostrar que os Portugueses não são toscos. E o Rubro tocava viola. Assim, quiseram armar-se em importantes, que fossem para o diabo.

– É preciso telefonar ao Barbosa antes do meio-dia, para saber a que horas ele e o Toninho chegam – avisou o Rubro a mastigar um bocado de chouriça de colorau.

– Vou eu ao Mira-Rio e telefono – ofereceu-se o Louro.

– Ah! Ele quer ver a Sandra!... – exclamou o Cordeiro irónico.

– Também é preciso saber se o Daniel consegue as sardinhas para quarta-feira. Senão, temos de as arranjar aqui.

– Telefono também ao Daniel.

– E dá umas apalpadelas à Sandra por mim – acrescentou o Cordeiro.

– Então vai-te embora. Quanto mais cedo, melhor, que depois podes não apanhar o Barbosa em casa. E cuidado com a Sandra: anda a deitar-te olhinhos.

– A mim não. Ao Rocha talvez. Cordeiro, vens comigo?

– Traz da mercearia uma dúzia de ovos e um frango – pediu o Rocha saindo da tenda maior com um braçado de cobertores.

– Vou pensar no caso. Pode ser que traga outra coisa.

– Traz o que eu te digo e cala-te.

– Eu trago o que me apetecer! Por acaso mandas na cozinha?

E desapareceu com o Cordeiro por entre o arvoredado e a frescura da manhã. Quando voltaram, depois de terem dado

seca velha à Sandra, apresentaram o resultado dos telefonemas: o Toninho e o Barbosa chegariam de tarde; as sardinhas tinham de comprá-las eles, pois o Daniel esqueceu-se de as encomendar.

Esta última notícia pôs o Rubro de mau humor. Onde é que raio haveriam de arranjar duzentas sardinhas ali, no meio da serra?

– Raios partam o Daniel e a mim, que confiei nele! – dizia.

Após o almoço, renasceu o problema de sempre: quem era o legítimo lavador da loiça. Não era ninguém. O Rocha não lavava porque foi ele a cozinhar; o Louro foi com o Cordeiro ao Mira-Rio; o Lula lavou a loiça do pequeno-almoço; o Rubro descascou batatas e estava mal disposto. Mais protestos, mais piropos, mais insultos, mais grunhidos que faziam eco nas montanhas vizinhas. Que fossem todos para o diabo! Já estava farto. Não lhe custava nada apanhar uma camioneta e ir-se embora. E que não cantassem muito, que fã-lo-ia mesmo! Não estava para os aturar.

Deixaram-no só e enfiaram-se no café até às quatro da tarde. Também não estavam para o aturar, que se fosse embora se quisesse.

VIII

O Rubro decepcionou-se com o acampamento. Andara dois meses a prepará-lo, a contactar padres, os responsáveis do local, os amigos, e tinha a dolorosa impressão de que tudo foi debalde. No acampamento primava-se pelo egoísmo: cada um fazia o menos possível. «Os outros que façam, esses é que têm obrigação». E porquê o egoísmo, a resmunguice sempre na ponta da língua? Todos haviam sido seminaristas, tinham

frequentado um colégio interno onde a norma fundamental de vida era «faz o que deves e está no que fazes». Tudo se regia pela obrigação, pelo dever. Desde o levantar e ir à missa até ao jantar e ao estudo à noite. Saíram e descobriram então que na vida nem tudo são obrigações e deveres. Havia a liberdade, e descobriram-na. E Agora, o que cheirasse a opressão ou a dever lhes era altamente desprezível, como o ter de lavar a loiça.

Junto à bica da água o Rubro passava o esfregão por um prato e pensava. A água corria espumosa pelas pedras em direcção ao rio. Era do detergente. Faltavam apenas os talheres para completar a lavagem.

Também ele frequentara o Seminário e saíra um dia. Não era nem melhor nem pior do que os companheiros. Era o mais velho, tinha vinte e três anos e isso tornava-o mais responsável. Mas mais responsável de quê? Desde o início que o acampamento se tornara numa calamidade. Ele, que pensara gastar uns dias na paz dos montes e das águas, viera para um inferno. Andava-se às turras, ninguém dispensava uma palavra de agradecimento, de conforto, de solidariedade. Comia-se de cara torcida.

O testo de uma panela voou rente aos fetos.

«Oh! Vânia. Como eu gostaria que me ouvisses e compreendesses! Imagina que até me apetece chorar como quando era menino lá em Timor. A minha mãe vinha depois, pegava-me ao colo e beijava-me de mansinho até eu parar de chorar. Mas tu não vens e sei que não estás a pensar em mim. Conhecemo-nos. Vai quase há um ano... Escreveste-me muitas cartas e eu também. Fiquei louco por ti e aceitaste ser a minha namorada quando te fiz a proposta. Eu era feliz, muito feliz. Porém, um dia disseste-me que não era amor aquilo que sentias por mim; que era apenas amizade. Então eu tornei-me numa

noite fria. E ficaste muito preocupada comigo, continuando-me a escrever aquelas cartas de mel.

«Sexta-feira é o dia dos teus anos. Convidaste-nos a todos para a festa e comprometemo-nos a ir. Vou com os outros, animar, tocar viola. Porque no fundo, o que tu mais gostas é da minha viola e dos meus *shows*. Não passo de um jogral cuja função é animar a malta.

«Por que me deixas triste, Vânia? Pensei em ti para clarear esta noite. Escureceu mais. Os meus amigos são uns tipos porreiros. Hoje é que não os suporto, como à tua imagem. Vá, rua! Fora da minha vida! Não tens o direito de permanecer aqui dentro. Já te disse, fora! Fora!!».

IX

O Lula esquetejava o frango para o jantar enquanto o Cordeiro, contra sua vontade, cortava cebola para a panela. O Louro lia a *Menina e Moça* do Bernardim Ribeiro e o Rocha esfregava cuidadosamente um par de cuecas amarelas. Voltaram a meio da tarde do café, humildes como as canas ao vento. Não disseram palavra ao Rubro; deixaram-no solitário a dedilhar a viola na margem do rio.

Entretanto ouviu-se um ruído de um automóvel por cima do Boco. Momentos passaram e o Lula distinguiu três sujeitos a descerem em direcção às tendas. Eram o Barbosa e o Toninho com o pai do Miguel, dono do Mira-Rio. Largaram tudo e foram acolhê-los entre abraços e sorrisos. Até mesmo o Rubro foi, atirando a viola e o mau humor para o canto, correndo como bicho do mato.

Fizeram festa ao serão, já o pai do Miguel havia partido. Rodeados à volta da mesa improvisada, uns no chão, outros nas poucas cadeiras de lona, escutavam as últimas de Braga,

esperando pelo frango e pelas batatas que estufavam no fogão de campanha. Dizia o Barbosa para a assembleia:

– Saímos de Braga às quinze na camioneta para Chaves. Como não sabíamos onde ficavam as Cerdeirinhas, pedimos ao condutor para nos informar no momento oportuno. Ora, ele esqueceu-se e nós não saímos quando a camioneta passou por ali.

– E lá fomos nós todos porreiros da vida a apreciar a paisagem – continuou o Toninho –, até que numa das paragens entra um fiscal. Pede-nos o bilhete e considera-os inválidos. Deveríamos ter saído dez quilómetros atrás. Queria que nós pagássemos multa. «Multa!?!», perguntei-lhe. «A culpa não é nossa. Pedimos ao condutor para nos avisar quando a camioneta chegasse às Cerdeirinhas e ele não fez caso ou então esqueceu-se». O fiscal pensou, repensou e aconselhou-nos a sair na próxima paragem, que viria outra camioneta em direcção contrária.

– Não pagámos a multa, mas tivemos que pagar novo bilhete para as Cerdeirinhas – acrescentou o Barbosa. – Eram seis horas quando lá chegámos. Táxis, nem sinal deles. Mochilas às costas e pusemo-nos estrada abaixo, a caminho da Caniçada, conforme informações de algumas pessoas que íamos encontrando. Não sabíamos onde estávamos, sabíamos apenas que teríamos de chegar ao café Mira-Rio. Mortinhos de cede, entrámos no café e o pai do Miguel, mal nos viu, prontificou-se logo a trazer-nos no carro.

– Toninho, vieste de Guimarães? – perguntou o Rubro.

– Não, vim de Ronfe. Os meus pais foram para a praia da Póvoa passar o mês e eu dirigi-me para Braga onde o Barbosa esperava por mim. Terei de voltar na sexta-feira para me juntar a eles. Mas até lá vai acontecer ainda muito coisa.

– Olha, aqui ninguém se entende – começou a queixar-se o Lula.

Mas não lhe deram ouvidos, pois o jantar estava pronto. Comeu-se e as canções do Paul Simon e do Garfunkel ouviram-se na penumbra do início da noite. O Rubro tocava a viola com gosto enquanto seis vozes em desuníssono badalavam melodias em inglês. Sentiam-se felizes por partilharem juntos o serão e recordar os tempos do Seminário.

Eram sete. Apesar de a tenda ser grande, o Lula optou por dormir sozinho na canadiana, onde se guardavam trastes e sacos. Os restantes deitaram-se na maior. Havia, no entanto, um problema: minguavam os cobertores e o Rocha não queria ceder um dos seus, pois, dizia, tinha frio durante a noite. Contudo, por insistência do Toninho, o único que o conseguia vergar, acedeu largando para outro um dos que lhe sobejava. Sempre se arranjará com o lençol e um cobertor.

– Amanhã temos de ir falar ao Padre Matos, o reitor de São Bento, para combinarmos a sardinhada – lembrou o Rubro, despindo as calças surradas. – Eu escrevi-lhe antes de virmos, a convidar os jovens de Rio Caldo para um convívio, e ele deu aval positivo.

– E as sardinhas? Ainda não as temos – constatou o Louco com um ataque de bom senso.

– Talvez o pai do Miguel as arranje. Ele tem mercearia e costuma ir ao mercado da vila – atalhou o Rocha.

– Falamos com ele amanhã – decidiu o Rubro embrulhando-se no cobertor adentro.

A conversa arrastou-se. Do programa para os dias próximos passaram para o tema «mulheres» e só houve silêncio quando os roncos incomodativos do Louro se começaram a distinguir por entre a verborreia. O Louro adormecera de um modo angelical, face voltada para a saída da tenda, traseiro para os nictófilos desenfreados. O Lula dormia na tenda ao lado, sonhando com a miúda que deixou na terra.

X

O dia seguinte foi harmonioso e sereno. Terminaram as discussões entre os preguiçosos-convencidos e os convencidos-mandões. O Barbosa e o Toninho lavaram a loiça sem qualquer contestação acabando de vez com os dois grupos rivais.

– O último a chegar é lesma!

Corriam os sete com o Lula à frente em direcção ao rio. As barrigas marcavam onze horas da manhã e gostariam de refrescar-se antes do almoço. Mergulharam o Lula e o Cordeiro. O Louro encafuou-se a seguir com muita calma enquanto o Rubro preparava o famoso mergulho em diagonal. Nisto, arrojou-se o Toninho como seta. O Rocha e o Barbosa olharam-no, perderam-no de vista, começaram a preocupar-se e viram-no sair dez metros à frente.

– Que raio de susto! Já pensava que o rapaz havia tresmalhado nas águas – comentou o Barbosa.

– O rapaz nada bem – acrescentou o Rocha, preparando-se também para mergulhar. – Agora vou eu.

E chafurdou espalhafatoso.

– Ei, Barbosa, a água está à tua espera! – chamou o Toninho.

– Quê?... Eu não sei nadar.

Apertava o sol das quinze quando se afastaram do Boco. Três no carro e os restantes a pé, dirigiram-se para o Mira-Rio a matar o vício, encomendar as sardinhas e adestrar a língua com a Sandra, empregada de balcão. As sardinhas tê-las-iam no dia seguinte de manhã vindas da vila. A mãe do Miguel prontificara-se a comprá-las.

– Quem vai a São Bento comigo? – perguntou o Rubro

entornando um fino consolado.

– Só podem ir cinco! – atalhou o Rocha, que não gostava do carro a abarrotar.

Ofereceu-se o Toninho. Os outros ficaram no café alternando a vista da televisão para a Sandra e da Sandra para a televisão.

Ao chegarem a São Bento, deram logo de caras com a João, a loucamente apaixonada pelo Carlitos. Afinal não pôde ir a Braga, desculpou-se. O pai, com o calor que estava, preferiu ir só dali a uns dias e como não tinha outra boleia...

– Viemos falar ao Padre Matos, o reitor.

– Neste momento deveis apanhá-lo na igreja. Mas ficai mais um bocadinho. Queria tanto falar com vocês...

– Estou com uma sede desgraçada! – lastimou-se o Rubro.

– Então vamos beber qualquer coisa. Eu também tenho a garganta seca – sugeriu o Toninho.

E encaminharam-se para o café mais próximo onde tiveram de ouvir a João a contar as virtudes do Carlinhos.

– Missa às onze celebrada na ermida pelo padre Mário e convívio às treze – informou-os o Padre Matos na sacristia da ermida de São Bento com as mãos nos bolsos da batina.

– Sr. padre, vinho não temos. Só arranjamos as sardinhas – disse o Rubro.

– O Almerindo trata do vinho e do pão. Dois garrações devem ser suficientes, não achas, ó Almerindo? – perguntou o padre ao namorado da João poisando-lhe a mão no ombro. – O caldo verde é feito pelas meninas.

O Almerindo nas férias cumpria os deveres de sacristão.

– Sendo assim, nada mais há a combinar. Esperemos que apareça muita juventude – acrescentou o Rubro.

– Sabem, a juventude nesta época anda bastante ocupada. Quase toda trabalha na OTL, aquele programa do governo para Ocupação dos Tempos Livres, ou lá como lhe chamam. Mas de certeza que as sardinhas se vão comer. Cheirando a tacho, aparecem todos.

XI

Acenderam-se as luzes do campo de futebol. O jogo estava prestes a começar e no meio do campo a bola já saltava dos pés do Lula para a cabeça do Cordeiro. Vestiam à Porto. As camisolas surripiou-as o Rubro no colégio onde trabalhava como monitor. Havia uma para cada jogador. A equipa adversária era composta pelo Miguel e pela malta da freguesia. Quando entraram em campo, os de Braga tremeram. Os outros eram uns cavalões. Perderiam concerteza. Mas como dizia o ditado que os homens não se medem aos palmos, talvez os da freguesia pudessem ser batidos.

O Rocha, sentado a um canto, olhava o jogo enfasiado. Não lhe dizia nada andar a correr atrás de uma bola. Enfim, uma perda de tempo. Mas como os outros gostavam, havia que aguentar o desafio, mesmo sem jogar. E depois alguém tinha de ficar de fora, pois era gente a mais. Veio a Sandra fazer-lhe companhia.

– Não jogas?

– O número de jogadores está completo. Sobramos dois: eu e o Barbosa, que está a conversar a li com o padre Armindo.

– Deixa lá. Pelo menos apoias a tua equipa. A nossa tem muita gente a apoiá-la. A vossa é que não.

– E tu, qual apoias?

– Eu?... Apoio a vossa!

– Ah! Assim é que se fala.

– Eu gosto muito de futebol. Nas escola, lá na vila, pertença a uma equipa feminina.

– Deves ser boa jogadora. Com essas pernas...

– Que nada! Não fomos nós a ganhar o campeonato...

– Estudas em que ano?

– Passei para o décimo primeiro.

– Mas trabalhas no café.

– Só nas férias. Para ajudar os meus tios.

– Sei. Tens namorado?

– Não... Já tive. Zangámo-nos. Agora estou livre.

– Senta-te aqui a meu lado. Estás para aí de pé. Assim cansas-te.

– Vou sentar-me, vou. Estive o dia todo de pé no bar. Aquilo parece que não, mas é fatigante.

– O Louro anda a fazer-te olhinhos.

– Que ideia! Ele é uma pessoa porreira. Mas olhinhos, não. Claro, eu simpatizo com todos vocês. Sabes, tu pareceme o mais fixe. Pensas, não ages como os outros. E tu, não simpatizas comigo?

– Claro que simpatizo! Além de seres bem feitinha, sabes conversar. Esse sorriso, cá para nós, Sandra, põe-me doido.

– A sério?

– Nem imaginas quanto.

A miúda ficou tão impressionada com as palavras do Rocha, que naquela noite adormeceu numa nuvem de branca e esponjosa esperança. «Mais dois dias e como-a», pensou ele descendo com os outros no carro a estrada para o Boco.

A noite invadira tudo. Ganharam oito a sete e estavam satisfeitos. Havia que dormir bem para no dia seguinte não parecer mal na sardinhada. A presença das miúdas de Rio Caldo era certa e a moral não poderia estar em baixo.

– Ó Rocha, estiveste durante todo o jogo a bater coiro à

rapariga do café – exclamou o Toninho chegando-se em voz abafada ao Rocha quando se preparavam para dormir. – Não me digas que estás interessado nela!

– Não. Estávamos só a conversar.

– Vá, não estragues a vida à rapariga.

– Toninho! Eu nunca estraguei a vida a ninguém. Estou no meu canto e são elas que vêm ter comigo. Se a vida lhes sai estragada, são elas que a estragam. Quando querem da coisa, eu dou-lhes. Não tenho nada a perder.

– Sendo assim...

E deitaram-se os dois.

Como o Rocha havia mudado! Que ele gostava de mulheres, isso já o Toninho sabia há muito. Mesmo em tempos de Seminário. Mas respeitava-as, vendo nelas algo de diferente. Agora perdera aquele sonho de que eram deusas para amar. Degenerou quanto à opinião que tinha do sexo oposto. Ou talvez não. Talvez estivesse certo.

XII

Foram colegas no Seminário durante cinco anos. Quando o Rocha entrou, já o Toninho era seminarista desde os treze. A vocação do Rocha nasceu tardia e morreu cedo. Lembrou-se de ser padre naquela idade da maluqueira, os quinze anos. O Toninho não. Entrou ainda miúdo e nunca pensara bem se realmente queria ser padre. Adaptou-se ao sistema interno, encarrilou. Depois descarrilou.

Recordava-se bem da primeira manhã em que acordou num dos quartos do Seminário. Abriu a janela em guilhotina, empenada pelo sol e pelas chuvas, e aí se postou a mergulhar a vista no que o rodeava. O dia nascera cinzento e, mesmo que ele não se deixasse impressionar muito pelo aspecto da

atmosfera, sentiu o peso de uma tristeza que, por segundos, lhe rondou o cérebro. Uma aragem fria obrigou-o a afastar-se e descer os vidros. Lavou a cara na bacia em ferro de tripé com manchas de ferrugem e sarro entranhado de anos e vestiu-se com certo vagar. Não dormira bem, estranhou o colchão e a almofada, duros e deformados pelo número de indivíduos a que foram sujeitos suportar. Mas não foi apenas uma questão técnica que lhe tirou o sono. Foi a sua nova situação. Encontrava-se, pela primeira vez, longe da família e das pessoas conhecidas, num ambiente estranho e até certo ponto misterioso. Desde a sua chegada no dia anterior até àquele momento, já se tinha arrependido dezenas de vezes da sua escolha. O que lhe ofereceram não era o que esperava. Tinha em mente um lugar de ordem, de paz e reflexão. E que encontrara? Uma balbúrdia numa casa enorme e escura com odores de sujidade e mofo, onde era obrigado a conviver com rapazes não muito diferentes daqueles que andavam na rua livres de tanta renúncia.

Calçou as botas e saiu para o corredor. Outros passavam por si sem lhe dizerem bom dia, indiferentes, os olhos estremunhados de sono. Juntou-se-lhes silencioso e com eles desceu os cinco lanços de escadas que os separavam da capela.

Fez o possível por se concentrar nas orações da manhã e durante a missa. Achou interessante a recitação em conjunto de alguns salmos a que chamavam *laudes*, como vira escrito no topo da página do livro de capa castanha do colega ao lado. Esforçou-se por cantar com os outros, mas desafinou sem querer, pois desconhecia os cânticos. Até que o colega do lado lhe mandou uma cotovelada de admoestação pela ilharga e ele calou-se envergonhado.

Nada era igual à liturgia da velha igreja que frequentara desde miúdo na aldeia. Aí parecia tudo mais natural, mais

familiar e menos pomposo. O padre Granjo, a precisar de reforma, pigarreava a missa e o terço sem grandes preocupações místicas, resumindo os rodeios e cortando a prosápia espiritualeira. Falava do que sabia e todos o entendiam. Ali os padres falavam de outro modo, com certo requinte de frases e entoação solene. Eram doutores em teologia, concerteza conheciam todos os subterfúgios da arte de convencer na fé.

Sentia-se um pouco desorientado e forçava-se a redobrar a atenção para não se ajoelhar no momento de sentar-se, ou o contrário. No entanto, era de tal forma novo aquilo que o rodeava, que facilmente se perdia em conjecturas visuais. Extasiou-o o estilo da capela. Em tamanho conseguia ser três vezes maior do que a igreja da sua terra. – Por que lhe chamariam capela? – perguntou-se, enquanto o Dr. Meireles erguia o cálice. Nas paredes laterais, em painéis pintados com grande perfeição, estavam representados santos que ele não conseguia identificar: um frade de cara muito rapada, um barbudo grisalho de espada na bainha, um bispo mitrado de trajos até aos pés. No altar mor, por detrás do sacrário dourado, um enorme painel com o São Tomás de Aquino. Esse conhecia-o ele, pois vira uma reprodução igual num livro de história. Aparecia o São Tomás sentado, um gorro de lã na cabeça, com um colar ao pescoço em forma de sol. Só mais tarde é que viria a compreender a razão do painel com tal doutor da Igreja no lugar mais nobre da capela.

Sentiu nova cotovelada do colega do lado e reparou que era o momento da comunhão. O organista atacava já um cântico a dar aos foles do harmónio. Ele juntou-se à fila que se formou diante do altar, à frente do Dr. Meireles de píxide na mão. Recebeu a hóstia na boca e sentou-se a olhar o tecto de gesso branco decorado com motivos greco-latinos.

O dia anterior revia-o deveras caricato. Antes de sair de casa, tivera uma birra com a mãe, que queria forçosamente que ele vestisse o fato novo e pusesse gravata. Ele teimava em ir de calças de ganga e casaca de cabedal. Ainda não se sentia preparado para o fato escuro. «Mudar de vida, mas devagar.» A discussão amainou e mãe e filho apanharam o autocarro com duas malas pesadas de lençóis, toalhas, roupa interior e exterior, algum calçado. Não que ele precisasse da sua companhia com o receio das paredes da nova morada, mas assim tornava-se mais fácil carregar a bagagem.

Na cidade, andaram um bom pedaço a pé até ao grande edifício com as armas de um arcebispo gravadas em pedra na fachada. Na rua em subida até ao portão principal quase perderam o fôlego. «Se assim for a caminhada... muito difícil será chegar», pensou. Recebeu-os na portaria o padre Antunes, muito atencioso mas nem por isso simpático, e encaminhou-os para aquele que seria o seu quarto durante um ano, no último andar do edifício. Em breves palavras explicou as actividades reservadas para o resto do dia e despediu-se para atender a outros que chegavam.

A mãe olhou abismada a pobreza do quarto e, não fossem as circunstâncias, armava logo ali um banzé. «Se isto é quarto que se apresente a um seminarista! Nem para poleiro servia. O porco lá em casa tem uma corte bem mais acolhedora. O melhor é remediares-te com o tens. Foste tu que escolheste.» Como era o quarto? Bastante fradesco, para não dizer franciscano. Uma cama de ferro com um colchão desnudo de folhelho às manchas escuras de vícios solitários de outros inquilinos. Um armário para a roupa e os livros sem portas, uma mesinha de cabeceira roída de bicho a cheirar a chulé, uma secretária sem gavetas, uma cadeira em perigo de desintegração, um lavatório que em muitas casas era relíquia,

e um candeeiro sem lâmpada preenchiem o largo vazio. A porta não tinha fechadura e à vontade ninguém poderia estar. A ele passaram-lhe ao lado todas estas coisas. Eram antes considerações de mãe que desejava ver o filho bem instalado. A ele coisas mais altas o preocupavam. Pensava no melhor modo de conhecer os novos companheiros.

Acompanhou a mãe à portaria, ouviu-lhe as últimas recomendações e despediu-se com um beijo rápido. Até que enfim se via livre! Quinze anos sob a protecção das asas maternas era demasiado tempo. Agora estaria entregue a si próprio. Sentia-se liberto. Voltou a subir a escadaria e procurou descobrir a forma de se apresentar aos colegas que encontrasse. Havia nos corredores e nos quartos grande agitação, com mães, pais e crianças numa azáfama de dia de festa. Não precisou magiciar muito no assunto. Ao entrar no quarto, dois rapazolas dirigiram-lhe a palavra:

– Tu és um dos novos, não és?

– Sim... – respondeu ligeiramente receoso.

– Eu sou o Rubro e este é o Toninho.

– Prazer em conhecê-los. Alberto Rocha.

E cumprimentaram-se.

– Vieste da Escola Secundária...

– Sim, vim.

– Nós estamos cá desde miúdos. Crescemos no Seminário.

– Ah!

– Vamos dar um passeio pela cidade, para fazer tempo até à hora das orações da tarde. Não queres vir connosco?

Ele aceitou a companhia. Um passeio era um bom começo para as relações com os futuros colegas.

Embora se desse bem com o Rubro, foi praticamente com o Toninho que o Rocha construiu uma amizade que se

projectava para além das paredes grossas e frias do Seminário. Os projectos, as paixões, as maluqueiras do Rocha sabia-as o Toninho, sempre disposto a ouvir e a acolher com uma descarga de conselhos e admoestações quando havia exagero. É que ele, apesar de mais pequeno em estatura, era para o Rocha uma espécie de irmão crescido, a voz da razão.

Mais reservado nos projectos e em certos ideais, o Toninho via o Rocha como um prolongamento das suas opiniões acerca da Igreja e dos homens. As suas conversas ou versavam estes assuntos ou iam cair irremediavelmente em mulheres, sem dúvida o tema preferido de ambos.

Estiveram os dois apaixonados no último ano em que frequentaram o Seminário. O Toninho ficara de amores por uma rapariguita inócua que era catequista na igreja onde ia ensaiar. Muito discretamente, procurou abafar, evitando complicações com os padres. Ao Rocha deu-lhe para engrajar com uma menina de colégio. Dizia-lhe o companheiro para não se entusiasmar demasiado, pois a miúda era muito nova e ele podia sofrer uma desilusão. Foi o que aconteceu alguns meses depois.

O Rocha ainda não se conformara com a ideia de a ter perdido. Ou talvez se tenha conformado e por isso atacava agora sempre que podia. Para ele, todas eram iguais. O Toninho lamentava-o por um lado e por outro invejava-o. Após o seu grande amor, um caso platónico revestido de flores e Paul Simon, não conseguira refazer-se apaixonando-se novamente ou andar com outra. Bem desejava, bem se esforçava, mas, ou nada acontecia, ou resguardava-se, não fossem elas magoá-lo.

A situação dos dois amigos era diversa. O amor do Rocha, tão prometedor no início, desvaneceu-se quando a rapariga o traiu. O do Toninho foi vivido interiormente e,

porque a rapariga estava longe, salvou-se de uma desilusão. Para os amores do Rocha, em muito contribuiu o Toninho. E era com um misto de qualquer coisa indefinida e real que o primeiro recordava os acontecimentos que levaram ao seu actual estado.

PARTE II

XIII

O colégio de Santa Rita ficava na mesma rua do Seminário onde os dois companheiros gastavam a vida. Tinha como finalidade a educação de raparigas órfãs ou com problemas familiares, havendo também uma secção para acolhimento de mães solteiras. Era dirigido por religiosas, todas muito dedicadas à educação doméstica, social e religiosa das suas protegidas. Estava marcada para um sábado a visita do bispo, cujo objectivo principal era o baptismo de duas crioulas e o crisma de meia dúzia de transmontanãs, o acontecimento mais importante ao longo do ano naquela casa, pois haveria gente de fora, comia-se melhor e havia um convívio muito especial com música e teatro preparado pelas miúdas. Durante a semana todas se dedicaram à sua preparação. O Toninho fora convidado por intermédio do reitor para lhes ensaiar umas cantigas populares. Como necessitasse de acompanhamento musical, pediu ao Rocha, uma vez que o Rubro andava muito ocupado com o grupo de jovens de que a Vânia fazia parte.

– Preciso de ti.

– Para quê?

– Para tocar viola.

– A quem o vieste pedir! Eu sei um ou dois acordes e pouco mais.

– Para o que é serve.

– E onde é a festa?

– A superiora do colégio de Santa Rita foi pedir ao reitor um seminarista para ensaiar às miúdas umas canções populares. O reitor veio falar comigo e eu aceitei, que remédio. Mas preciso de alguém que toque.

– Se assim é, podes contar comigo. Quanto a afinações, não te prometo nada.

– Então vens ao próximo ensaio, na quinta-feira à noite. É para uma festa que vão fazer no sábado de tarde. Vai lá estar o bispo D. Roberto a baptizar umas pequenas e depois há um convívio com os familiares.

– Terei de comprar cordas novas para a viola.

Logo após o jantar de macarrão e sardinhas, o Toninho e o Rocha deixaram o Seminário e partiram rua acima. Acolheu-os ao portão alto pintado de verde uma freira de meia idade. Toda simpatia, convidou-os a entrar. Levou-os a contornar um jardim de rosas e introduziu-os no edifício, uma casa enorme do princípio do século, doada talvez por alguma alma devota arrependida dos pecados à hora da morte. Subiram umas escadas largas em madeira chiante que raras vezes sentiam passos de homem, para além dos do padre Antunes e do padre Roriz, directores espirituais das meninas. No último andar, o terceiro, ouviram um murmurar claro de vozes. A irmã abriu-lhes a porta de uma sala e viram uma mão cheia de miúdas muito animadas a conversar. Fez-se silêncio imediato e os dois companheiros entraram, o Rocha com a viola, o Toninho com um maço de fotocópias pintadas de linhas e pontinhos negros. Deram as boas-noites e só uma outra irmã, que lá se encontrava, respondeu, aflita, a recebê-los.

O ensaio iria começar, muito sóbrio e solene, com as duas irmãs religiosas a assistirem sentadas ao lado dos dois rapazes. Era a sala de costura, com máquinas de coser e retalhos de pano ao canto. Para maior funcionalidade, dispuseram-se

cadeiras em anfiteatro onde as miúdas se sentavam, umas envergonhadas de olhar no chão, outras de olhar atento e matreiro. O Rocha reconheceu três: a Cláudia, a Guidinha e a Sónia. Conheceram-as há um ano atrás, numa das suas andanças pastorais. Quando elas o viram, sorriram-lhe sem as freiras perceberem.

O Rocha desensacou a viola, sentou-se e pôs-se a afinar as cordas. O Toninho, que com este era o terceiro ensaio que fazia, distribuiu as fotocópias por cada uma das presentes e anunciou a primeira canção: *Meu amor fala baixinho*. A freira que os recebera carregou o sobrolho e pôs-se à escuta. A outra olhava enternecida os dois jovens, futuros sacerdotes para a Igreja de Cristo. O Toninho pediu o tom ao companheiro e entoou o primeiro verso da cantiga numa voz suave que só ele sabia fazer. Depois pediu para todas repetirem. Dentro das suas limitações corais, as miúdas foram cantando, com o Rocha a esgalhar viola abaixo. O Toninho era um maestro paciente e repetia a música tantas quantas vezes fosse preciso até entrar no ouvido mais duro. O Rocha apreciava o conjunto das vozes, o efeito da viola e os rostos em particular. Havia cada coisa mais linda!... Lá estava a Sónia a olhar para o soalho, tão loirinha e com uns olhos tão bonitos. Nenhuma das que ali estava tinha mais de dezoito anos. E aquela pequerrucha ao canto direito tão engraçada a fazer biquinho nos lábios enquanto cantava os versos *Os amores dissimulados / Sempre são os mais queridos?* O Rocha perdera o andamento da música e já metia um sol em vez de um ré. Uma cotovelada do Toninho e a nota certa ia ao sítio.

Uma hora passou e resolveu-se fazer um pequeno intervalo para respirar e acalmar as gargantas. O Toninho aproveitou para apresentar o companheiro, um entendido tocador de viola à disposição na festa de sábado. O Rocha

agradeceu o elogio e começou a pôr as miúdas à vontade com uma anedota a propósito dos tocadores de violão. As freiras tinham saído a dar uma ordem qualquer, criou-se um pequeno diálogo. Já todas riam e havia algumas até que desejavam contar também uma anedota. O Rocha assumiu o papel de coordenador e ria a traços grossos fazendo olhinhos às três conhecidas que cochichavam entre si enquanto cada uma ia contando a sua anedota mais ou menos inocente. O Toninho parecia absorto num dos papéis de música, sem prestar muita atenção ao chinfrim criado. Entretanto, uma das irmãs voltou e juntou-se ao riso contando também ela uma das suas sem piada nenhuma. Foi quando o Rocha sentiu um olhar a incomodá-lo do lado esquerdo da sala. De pé, encostada à parede de estuque, uma miúda de cabelo encaracolado, muito alta e doce, sorria. O Rocha perdeu a vontade de rir e ficou perturbado. Quem seria? Porque não estava sentada com as demais? Não a tinha visto quando entraram na sala. Teria chegado depois? Não acabou o raciocínio: o Toninho preparava-se para iniciar a segunda parte do ensaio.

Uma revisão geral a todas as canções, cerca de oito, e o ensaio estava terminado. Encontravam-se medianamente prontas para cantar na festa. Se saíssem menos bem não sairiam totalmente mal e o Toninho fez o que pôde. Com três ensaios e com aquelas vozes pouco habituadas a voltas de meio tom era muito difícil.

Abandonaram a sala e no vestíbulo formou-se um grupinho com a freira que ficara, as três conhecidas do Rocha, algumas curiosas e os dois camaradas. Encetou-se uma breve conversa acerca da festa primeiro e depois do Seminário. A miudagem queria conhecer melhor os seminaristas, tão simpáticos e tão giros. E, enquanto a freira bombardeava o Toninho com observações sensatas e pertinentes, as meninas

rodeavam o Rocha contando ora uma isto, ora uma aquilo, excitadas e alegres. Até que ele divisou perdida no grupo a menina do cabelo aos caracóis. Dirigiu-se-lhe e perguntou:

– Como te chamas?

– Nancy.

– Tens um nome muito bonito.

– Obrigada.

– Nascestes na América?

– Nasci no Canadá.

– Bem me pareceu. Tens uma pronúncia acentuada. Falas inglês?

– Um bocadinho.

– Ah! Que fizeste à tua mão?

– Não é nada. Foi ontem na cozinha.

O Rocha pegou-lhe na mão de dedos finos e longos e analisava-a interessado. Que fásca lhe atravessou a espinha, que seta lhe perfurou os sentidos? Largou-a com delicadeza.

Quando os dois saíram em direcção à velha morada sob o céu de estrelas, após um lanche rápido de leite e biscoitos caseiros oferecidos pelas caridosas irmãs, o Rocha tremia e achava-se deveras estranho. O Toninho, que não era parvo nenhum, calculara logo o que vinha no espírito do companheiro. Conhecia-o demasiado. Não eram camaradas há cinco anos?

– Rocha, não me digas que ficaste caidinho pela miúda!

– Quê?! De forma nenhuma. Mas, sabes, fiquei embaraçado. Nunca me tinha acontecido.

– Ela é bonita.

– Como eu nunca vi.

– Rocha, tem cuidado. Muita prudência. És seminarista, caramba! Futuro padre. E depois não passa de uma miúda de colégio.

– Ó Toninho! Mas eu disse alguma coisa? Ela é bonita e pronto.

– Hmm!... Já não vais dormir hoje.

– Não vou dormir?! Essa é boa! E tu, que não tiravas os olhos da Sónia?

– Que Sónia?

– Aquela loirinha, de olhos verdes.

– Espera aí! Estás a exagerar. A Sónia é engraçadinha, sim senhor. Mas isso não significa que eu me tenha impressionado. E além disso tu sabes muito bem que os meus amores são outros.

– Pois, a Florbela, aquela de cabelos de ouro parecida com a Vénus do Boticelli.

– Cala-te que alguém pode ouvir.

– Sim, eu sei, as paredes têm ouvidos. E a culpa é dessa lei estúpida do celibato que nos impõem.

E com toda a fleuma começou o Rocha a dissertar sobre essa lei da Igreja para os padres e religiosos enquanto desciam a rua. Era uma lei aberrante, anti-natural, concomitantemente inaceitável. A conversa espalhou-se pela noite, no quarto desarrumado do Toninho. Discutiram, concordaram e, cépticos frente ao término de tal abominação, acabaram por ler alguns poemas de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos em livro de bolso. Eram três da manhã quando o Rocha deixou o companheiro e foi para o seu cubículo sonhar com a menina alta e doce.

XIV

No colégio de Santa Rita caía o silêncio do sono. As irmãs, nos seus quartos individuais, sonhavam com o sacratíssimo coração de Jesus; as miúdas com aventuras